

## APRESENTAÇÃO

### **Delma Pacheco Sicsú**

**ROR** Universidade do Estado do Amazonas  
✉ dsicsu@uea.edu.br



### **Maria de Jesus Pacheco Vieira**

**ROR** Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar do Amazonas  
✉ pachecomjvieira@hotmail.com



### **Luís Alberto Mendes de Carvalho**

**ROR** Universidade do Estado do Amazonas  
✉ lamdcarvalho@uea.edu.br



Ao nos debruçarmos sobre temas como reparação histórica, retomada, preservação de identidade, equidade linguística, etnicidade, cultura ancestral entre outros no mesmo pé de igualdade é necessário entendermos, minimamente, o legado histórico do colonialismo, bem como, aspectos de suas consequências em nosso dia a dia amazônico, sob uma ótica contextualizada. É neste sentido que a presente obra nos chama à reflexão por meio de textos que objetivam traduzir a complexidade da luta étnica travada incessantemente no combativo campo das ideias em que se inscrevem as vozes de resiliência traduzidas em ações de resistência, reafirmação identitária, reivindicação de espaço e direito a existir.

Desse modo, temos em “Entre Vozes e Fronteiras: Testemunho, Resistência e Forças Centrífugas na Narrativa de Eliane Potiguara” a descoberta de que “apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, Eliane relata se sentir paraibana por ter sido uma intermediária na comunicação entre sua família, pois desde criança assumiu o papel de escrever as cartas que sua avó ditava e ler as cartas que chegavam de Paraíba. Foi dessa forma que ela conheceu o sofrimento do exílio de sua avó e os impactos causados na família, o que passou a fazer parte de sua história e sua identidade.” Reconhecer-se como parte de um processo de ruptura com os parâmetros impostos é o seu primeiro passo. Mas como enfrentar as injustiças que continuamente são cometidas contra determinados grupos sociais, como mulheres pobres, pretas e/ou indígenas? Certamente, através de registros literários elas podem compartilhar a luta constante, como afirma Lugones (2008) “que a colonialidade impôs não só a dominação étnica e racial, mas também um sistema de gênero binário e patriarcal”. Assim, as vozes femininas indígenas que resistem a essa opressão, como na obra de Eliane Potiguara, são formas de insurgência contra a matriz de dominação.

Rompendo a cápsula patriarcal dominante, vozes femininas ecoam a liberdade contida à força por séculos de machismo velado ou visível nas “Figurações da Resistência Feminina Indígena em *O Karaíba*”, de Daniel Munduruku, o qual “[...] desconstrói o dis-

curso estereotipado sobre os indígenas que se propaga desde o período colonial, definidos como silvícolas, atrasados, canibais, preguiçosos [...]”, revelando a ligação do homem com a natureza, conflitos, crenças, utopias e as formas de organização das comunidades indígenas, que passa a ser desestruturada com a chegada do sujeito não indígena. A narrativa desenvolve-se em torno da tensão provocada pela profecia do sábio Karaíba, a qual anuncia a chegada dos invasores e em consequência disso toda a terra seria destruída, não restaria nem mesmo sinal da existência daqueles povos, pois: “devoradores de almas irão destruir nossa memória, nossos caminhos. Tudo será revirado, as águas, a terra, os animais, as plantas, os lugares sagrados”. Menos as vozes das vítimas, as quais jamais se renderão.

Por outro lado, em “Uma Análise do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola”, aponta-se a compreensão de que forma surgiu o programa ASIE. Reconhecendo as reivindicações dos povos indígenas que buscam tomar as rédeas de políticas públicas, muito embora ainda sejam consideradas ações embrionárias, resignificam um avanço na condição de retomada do protagonismo nativo. Desse modo, os direitos subjetivos dos povos originários não ocorrem, como se fossem casuais. São frutos de provocação, de lutas, de avanços, recuos, conquista e manutenção de espaços, da busca constante pelas garantias de direitos pertinentes à educação diferenciada. Nesse sentido indica-se que precisamos retornar ao debate a respeito da educação escolar indígena, bem como seus limites e limitações, a fim de se efetivar a formação de professores e produção de materiais diferenciados para a educação formal nas escolas indígenas.

Com as “Andanças Literárias do Escritor Indígena Tiago Hakiy” fica evidente a empreitada do escritor e o esforço demandado para promover e divulgar as literaturas indígenas no país. A popularização da escrita indígena carece de investimentos, visto que no âmbito da concorrência comercial com as demais iniciativas literárias ainda esbarramos na invisibilidade da escrita nativa, a qual durante anos a sociedade dominante tem tentado calar, sem sucesso. Nesse sentido, ressalta-se a importância de ouvir o que os escritores/as indígenas têm a nos falar sobre o seu *modus operandis* literário, quais técnicas e estratégias esses aguerridos adotam para adentrar e permanecer no mercado, a fim de proporcionar a leitores o modo de ver e pensar o mundo representados pela força da literatura.

Nessa perspectiva, a entrevista com o escritor indígena amazonense Tiago Hakiy é bastante instigante. Nas palavras do escritor é necessário trazer à tona algumas informações sobre a vida e obras desse e de outros expoentes das Literaturas Indígenas no Brasil, sobretudo, no Amazonas. Para esse autor, a literatura é um instrumento de luta, (auto) afirmação e resistência contra o apagamento cultural e identitário.

No mesmo norte, em “Discursividade Pós-colonial e a Escrita Literária de Ytanajé Cardoso em *Canumã: a Travessia*”, somos convidados a refletir sobre o que nos reserva



o pós-colonialismo como lugar temporal de resistência. O convite se estende à análise de um romance indígena que visa estabelecer um diálogo entre a teoria e a escrita literária de um autor nativo. À luz do que ensina Leite (2003), “o discurso pós-colonial engloba todas as estratégias discursivas e performativas – críticas, criativas e teóricas – que se opõem à imposição da lógica colonial, evidenciando outras epistemologias.” podemos entender que o escritor inclui todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial.

Por sua vez, “As missões jesuítas tributárias dos saberes indígenas na América portuguesa” ratificam o que há muito se sabe: “o papel dos ensinamentos transmitidos aos jesuítas pelos indígenas que ocupavam as regiões da América Portuguesa, bem como a influência dos saberes ancestrais para o sucesso das missões jesuíticas durante o período colonial”, ressignificando a história e o papel importantíssimo dos saberes indígenas ensinados aos jesuítas, posto que “os jesuítas, apesar de agentes da colonização, dependeram profundamente dos saberes indígenas para seu sucesso missionário: línguas, rotas, alimentação e estratégias de sobrevivência foram ensinadas por eles.” (Souza, 1986).

Há de se mencionar que em “A contribuição na Poética Indígena no Contexto Escolar: caminhos para a valorização da cultura ancestral”, é reafirmada a urgência necessária em que as escolas, em seus planos de ações internos, promovam diálogos, ações interculturais e multiculturais que afirmem as identidades dos povos indígenas na escola. Para a realização desse intento, o currículo escolar precisa ser assentado fora dos padrões eurocêntricos de educação, assim, a desconstrução de práticas pedagógicas coloniais fomentaria o contato com obras literárias de autores e escritores indígenas, como na concebe Martínez (2009):

A recuperação holística da educação nativa em suas diferentes dimensões (como modelo e prática educativa sustentadas nos fundamentos gnosiológicos, epistemológicos e pedagógicos das cosmovisões nativas) determina um desafio imperioso para enfrenar os novos desafios que se colocam para nossas sociedades nesse mundo globalizado (Martínez, 2009, p.287).

Como visto, o construto deste dossiê, é, pois, o resultado da tessitura de diferentes vozes que ecoam e, ao mesmo tempo, se entrelaçam em diferentes lugares e momentos, com diferentes abordagens, confluindo, no entanto, para um ponto em comum: a importância da literatura indígena como registro de saberes, da episteme, do lugar de fala do indígena e como meio para ressignificar o passado ancestral, recontar a história do Brasil, nossa identidade étnico e cultural, sem os costumeiros romantismos.

Autores:

---



## REFERÊNCIAS

- LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 575-590, maio/ago. 2008.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e Escritas Pós-Coloniais: Representações da Identidade**. Lisboa: Colibri, 2003.
- MARTINEZ, Walter Heredia. A educação nas culturas nativas: suas contribuições para uma educação para todos. In: LOURENÇO, W. L.; CUNHA, M. I. da (Orgs.). **Educação na diversidade: experiências e desafios na educação intercultural bilíngue**. Cuiabá: UFMT/UNICEF, 2009. p. 287-288.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
-